

Revista Diálogo Educacional

ISSN: 1518-3483

dialogo.educacional@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Brasil

Cock FONTANELLA, Francisco  
OBSERVAÇÕES À ESTÉTICA DE KANT  
Revista Diálogo Educacional, vol. 3, núm. 6, mayo-agosto, 2002, pp. 1-7  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189118140009>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

# OBSERVAÇÕES À ESTÉTICA DE KANT\*

Prof. Dr. Francisco Cock FONTANELLA

## *Introdução*

O tema estética parece ser um dos mais difíceis e controvertidos que se possam propor. Pesquisando comentadores do pensamento kantiano a respeito, podemos encontrar nomes como: HEIDEGGER, CASSIRER, LYOTARD, LUC FERRY, MIKEL DUFRENNE, entre outros: um elenco respeitável.

O interesse que me move a arriscar algo a respeito se deve à possível ligação arte-educação.

*Não deveria a arte fazer sempre parte da educação? Creio que a época em que apenas as disciplinas científicas deviam fazer parte da escola está definitivamente ultrapassada. E onde se encontra a arte?*

KANT se maravilhava vendo o céu estrelado à noite e contemplando em si mesmo a lei moral. Quanto ao céu estrelado, podemos identificar o sentimento do belo; na lei moral, qualquer sentimento seria proscrito.

*É sobejamente sabido que IMMANUEL KANT (1724-1804) escreveu três grandes Críticas. A Crítica da razão pura, a Crítica da razão prática e a Crítica do juízo.*

Na primeira estabeleceu o estatuto racional do conhecimento científico, destacando a criação racional dos objetos e conhecimentos científicos, suas condições subjetivas transcendentais puras, ou *a priori*. Na segunda tentou estabelecer as bases racionais da moralidade: a razão autônoma. Na última vai tentar estabelecer a racionalidade/universalidade do senso estético, ou da arte.

Embora KANT admitisse a produção histórica dos conhecimentos, das leis morais e das produções artísticas, creio que não se pode afirmar outro tanto da própria razão. Aliás, nenhum racionalista, ou idealista, seria capaz de admiti-lo. Seria necessário, ou mesmo possível, perquirir a origem da razão? Creio que, para racionalistas e idealistas, a razão é um fato, embora absolutamente não seja fatal. (Abstenhamo-nos de considerar a razão como uma faculdade, pois, neste caso, teríamos que investigar de quem seria essa faculdade e nos embrenhariam em questões metafísicas. E muito menos a razão seria uma entidade). Sabemos que o pensamento epistemológico não consegue justificar-se a si mesmo. Mas, e a razão, precisa ser justificada, isto é, justificar-se? Já houve quem falasse do Tribunal da razão (inclusive KANT).

Nas duas primeiras Críticas não há lugar para o sentimento. A terceira

\* Este tema foi desenvolvido em seus termos básicos na palestra pronunciada no dia 03 de abril no Debatre sobre Estética e Educação, promovida pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa: o conhecimento e a educação, PPGE – Unimep.

terá que lidar justamente com o senso (sentimento) estético. Por isso mesmo sou do parecer de que aqui KANT se enredou mais que em qualquer outra obra. Não por acaso ele denominou a terceira crítica de Crítica do juízo.

Estamos historicamente muito longe de KANT. Não obstante sua enorme contribuição, força é admitir que a humanidade se modificou bastante de lá para cá. Tanto que eu, na minha pequenez, ouso criticar ao professor KANT. Se com sucesso ou não, julguem os leitores.

Concentrar-me-ei, embora o assunto mereça mais tempo, na Primeira Introdução à crítica do juízo e, mais rapidamente ainda, numa parte da Crítica do juízo, conforme a coleção Pensadores, Abril Cultural, 1980.

KANT inicia a Primeira introdução à crítica do juízo deste modo:

“Se filosofia é o sistema do conhecimento racional por conceitos,...”

Este ‘se’ no primeiro parágrafo é apenas introdutório, pois, o segundo parágrafo começa: ‘A divisão do sistema pode ser...’. Que, para KANT, em se tratando da razão, tudo deva ser sistemático, pode ser aferido das três críticas à exaustão (de quem lê)...

Para KANT a filosofia compõe um sistema, ou se encerra nele. Estou usando o termo *encerra* de propósito. Encerrar significa fechar(-se), conter em si, fazer cessar, não ir além de, etc. (cf. Houaiss).

Ele foi talvez o maior dos racionalistas. A razão representa, melhor, é o supra-sumo da dignidade humana. Podemos ver aí, se quisermos, laivos subjacentes à concepção de nossa *animalidade*, infelizmente agregada, talvez. Mas, os tempos de KANT já passaram, embora muito, muito mesmo, do que barafustou em termos de filosofia ainda tenha a mais candente atualidade.

Estimo em muito muito do que ele escreveu. Mas, não concordo que a filosofia seja um sistema. O próprio KANT me ensinou a ver na razão humana apenas a razão humana, isto é, limitada, a qual só encontra seu verdadeiro caminho após muito esforço e a duras penas. A própria ciência é uma construção humana vagarosa. Dou como exemplo apenas o fato de que hoje as ciências físicas estejam transbordando dos seus tradicionais limites e admitindo que a nossa realidade mundana talvez seja apenas uma faceta (manifestação possível) da infinita realidade possível. A realidade física já não está mais encerrada em três *estados*: sólido, líquido e gasoso. Desde Einstein fala-se do quarto estado: o plasma. Pergunto eu: E o quinto? E o sexto? E o enésimo? Nossa universo pode estar em expansão. Também pode não ser o único universo (ou o *unicoverso* (Cf. Damiao, G. Tese de doutorado PPGE-UNIMEP, 2001). Isto é: talvez ele não caminhe para o uno – *versus unum* e nada tenha a ver com o *uno*. Já se usa o termo *pluriverso*.

E os nossos sentimentos? E os nossos pensamentos? E os sentimentos dos animais?

Pode um formigueiro ser um único organismo?

Bem; voltemos a KANT e à *Crítica do juízo*. Aqui está outro ponto:

trata-se da crítica do juízo estético. Nessa obra ficou famosa sobretudo a parte denominada *Analítica do belo*. Pois bem; não creio que em estética esteja em jogo, pelo menos sempre, algum juízo. Às vezes parece que a obra de arte é fruto da falta de juízo...

Eu já me desgostara de KANT, quando quis cifrar toda a moralidade em termos estritamente racionais. Quando li na Crítica do juízo a respeito de um *juízo subjetivo universal*, fiquei consternado. O grande paladino da universalidade (racional, sem dúvida) vem nos dizer que o juízo estético é subjetivo, mas intencionalmente é universal. Em outras palavras: o sujeito quereria que ele fosse universal. Foi demais para mim. Não obstante, MIKEL DUFRENNE assim se expressa, referindo-se ao juízo estético: *"Mas é sua pretensão à universalidade o que específica, em todos os casos, o juízo de valor estético. Observou-o KANT e é, de fato, o ponto de partida de sua reflexão: quando emito determinado juízo, não posso deixar de reivindicar para ele a objetividade e deixar de pensar que deve ser por todos subscrito"* (Mikel DUFRENNE. *Estética e filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 36). Por todos acho que é querer demais.

Mais. Diz KANT na parte III desta Introdução: *Do sistema de todas as faculdades da mente humana*: *"Podemos reconduzir todas as faculdades da mente humana, sem exceção, a estas três: faculdade-de-conhecimento, o sentimento de prazer ou desprazer e a faculdade-de-desejar"* (p. 173).

*"Todas as faculdades da mente humana"* é uma expressão muito forte e pretensiosa. Ainda hoje não conhecemos bem a nossa mente. Quem afirma o contrário, **mente**.

Além do mais, não creio que a estética seja do domínio da mente. Ela é, mais do que qualquer outra vivência/atividade humana, do domínio do ser humano total. Sob esta consideração entrevejo a importância da mesma na educação.

Poderíamos ser mais exigentes e contestar ao prof. KANT que haja *"entre as propriedades da mente em geral uma faculdade ou receptividade média, ou seja, o sentimento de prazer ou desprazer, assim como entre as faculdades superiores do conhecimento uma faculdade média, o Juízo"* (p. 174). Ora, se a estética, e com ela a arte, deve ser alinhada entre as *"receptividades"*, então, digo: a arte está fora do âmbito da estética. Arte é criação. A tradição misturou sensibilidade com receptividade. Sentir seria receber. Não partilho deste pensamento, seguindo a Merleau-Ponty. Nunca o ser humano é tão criativo como quando faz arte. Quando se critica a *indústria cultural*, critica-se a produção em massa da cultura.

Também não quero negar que haja *"apreciação"* no gosto estético. Mas, se você dá o *preço*, isto é, o valor, que no caso não é econômico, esta apreciação é sua, e nada tem a ver com critérios universais.

Se na KRV a espontaneidade do espírito (!?) ainda depende das im-

pressões, na atividade estética, o ser humano pode delas tomar distâncias. De propósito uso o termo no plural: *distâncias*. Porque KANT se engaiolou num modelo de razão extremamente exigente e extremamente rígido. Abandonando a concepção metafísica do Alfa e o Ômega, só lhe restou a razão. Talvez a questão dos *limites* tenha impressionado demais o prof. Kant.

KANT – como destarte todos os racionalistas - vivia sob a obsessão da oposição-junção singular-universal. Sem essa *tirania*, não sabia conceber a razão. Com razão (?!), creio, é criticada a famosa *Arquitetônica* da razão. Parecia que a lógica era o modelo da razão. É possível uma lógica diferente. Acaso já não dispomos de várias lógicas?

Poderia alguém me dizer que estou confundindo razão e imaginação. Pergunto: Qual o limite? Onde a distinção? LUC FERRY refere que “*Existe, sim, um acordo livre e contingente entre a imaginação e o entendimento, acordo totalmente imprevisível e incontrolável – e é por isso que não poderia haver arte poética, nem ciência do belo em nenhum sentido*” (*Homo aestheticus*, Trad. Eliana Maria de Melo Souza. Editora Ensaio, São Paulo, 1994, p.134-5). Nestes termos, diríamos que segundo Kant a razão faria concessões à sensibilidade. Adiante falaremos da música.

Hoje sequer conseguimos mais fazer com clareza a distinção entre ciência e imaginação. Ambas se auxiliam, se amparam, cooperam.

Engraçado que KANT admitia o *refletir* entre os animais. São suas palavras: “*O refletir (que ocorre mesmo nos animais, embora apenas instintivamente, ou seja, não em referência a um conceito a ser obtido através dele, mas a uma inclinação a ser eventualmente determinada por ele) precisa para nós de um princípio, tanto quanto o determinar, no qual o conceito de objeto posto no fundamento prescreve ao juízo a regra e, assim, faz as vezes de princípio*” (p. 176). Fazer as vezes de princípio é muito bom. Muito conveniente, talvez. Não quero aqui aludir à capacidade artística dos animais. (Não seria nenhum despropósito). Das matemáticas dos animais ninguém deve duvidar.

Mas, para KANT, a própria arte deve ser reduzida a um conhecimento. Aqui também discordo, ainda que eu não saiba refutar o senhor Kant à altura. Ouçamo-lo: “*E, assim como uma tal classificação não é um conhecimento de experiência comum, mas um conhecimento artificial, assim a natureza, na medida em que é pensada de tal modo que se especifica segundo um tal princípio, é também considerada como arte, e o Juízo, portanto, traz necessariamente consigo, a priori, um princípio da técnica da natureza, que se distingue de sua nomotética segundo leis transcendentais do entendimento, por esta poder fazer valer seu princípio como lei, mas aquela apenas como pressuposição necessária*”. Além de se tratar de conhecimento (arte), está aí também envolvido o famoso *a priori*. (Permito-me lembrar que o *a priori* kantiano nada tem a ver com a sucessão temporal. Nunca significou *antes*).

A parte VII se intitula: *Da técnica do Juízo como fundamento da*

*Idéia de uma técnica da natureza.* Nada a objetar, além do que já foi exposto.

A parte VIII começa com: *"A expressão de um modo-de-representação estético é inteiramente inequívoca, se...* Aqui as coisas se complicam ainda mais. Arte é representação? Não creio que os artistas concordem. Pensando nisto, lembro-me de Nietzsche: Kant, ao escrever sobre a beleza, em vez de interrogar os artistas, se meteu a fazê-lo por si próprio. É muito sarcástico. Kant o mereceu?

A propósito, noutra passagem, Nietzsche comenta a indiferença que Kant exigia do juízo estético, do seguinte modo: Quero ver um homem olhar para uma mulher bonita e ficar indiferente (Mais ou menos estas foram suas palavras).

Em seguida Kant se põe a explicar o que é um juízo estético. Não é fácil acompanhá-lo. Mas, ele diz textualmente: *"Portanto, um juízo estético é aquele cujo fundamento-de-determinação está em uma sensação que esteja imediatamente vinculada com o sentimento de prazer e desprazer".* A seguir distingue: *juízos-de-sentidos estético* e *juízo-de-reflexão estético*. Não creio que distinções bastem aqui. Não creio que se possam distinguir deste modo as vivências estéticas. Também não creio que a estética tenha a ver apenas *com o sentimento de prazer e desprazer*. Falar de *juízo* e de *sentimento* juntos parece não combinar bem. Acima acenei à espontaneidade artística. A criação artística vai, creio, para além do sentir.

Do mesmo modo poderíamos discutir a questão da *finalidade* na arte. Se admitimos *l'art pour l'art*, estamos longe da finalidade. Kant manifesta uma grande obsessão pela finalidade, do mesmo modo que pelo  *julgamento*, como vimos acima.

Kant prefere a expressão: *Crítica do juízo estético* a est'outra, mais simples: *Estética*. Segundo ele esta última comportaria também a estética transcendental da KRV, quando, então, se trata de algo muito diferente. Ele defende a sua expressão ainda com o seguinte raciocínio: *"Denominar, porém, estético um juízo, porque não refere a representação de um objeto a conceitos e, portanto, não refere o juízo ao conhecimento (não é, de modo algum, determinante, mas apenas reflexionante), não deixa temer nenhum mal-entendido; pois, para o juízo lógico, as intuições, embora sejam sensíveis, (estéticas), têm antes de ser elevadas a conceitos, para servir ao conhecimento do objeto, o que, no juízo estético, não é o caso"* (p. 200). Salientamos mais uma vez: **representação, juízo (embora apenas reflexionante)** Não creio que as distinções bastem neste caso.

Quanto à finalidade, poderíamos, talvez, atenuar nossos ataques a Kant, ao observar o que contém um dos últimos parágrafos desta sua Introdução: *"Uma finalidade julgada apenas subjetivamente e que, portanto, não se funda sobre nenhum conceito nem, na medida em que é julgada apenas subjetivamente, pode fundá-lo, é a referência ao sentimento de prazer e desprazer,*

*e o juízo sobre ela é estético (ao mesmo tempo, o único modo possível de julgar esteticamente)" (p. 201).* Mas, o julgamento não é jamais abandonado. Falei antes de avaliação. Será a mesma coisa? A vivência estética e a vivência artística estariam assim condenadas aos ditames da razão?

O parágrafo 6º da *Analítica do belo* assim expressa: "O belo é aquilo que, sem conceitos, é representado como objeto de uma satisfação universal" (p. 215). Já o 8º (p. 217) tem como cabeçalho: *A universalidade da satisfação, em um juízo do gosto, é representada apenas como subjetiva*".

O Segundo momento da Analítica assim termina: "Belo é aquilo que, sem conceito, apraz universalmente".

Quem já leu um pouco a respeito das diversas culturas há de sorrir. Kant era euro-cêntrico? Sim, o era. Mas, todos os Iluministas o eram. Temos dificuldade em aceitar como belos os 'nus' da Renascença. O que dizer, então, das produções artísticas dos ameríndios, dos africanos, etc.? Quando um europeu já lidou com ritmo musical de sete tempos? Muitas obras musicais dodecafônicas são particularmente feias – pelo menos para mim. A respeito do jogo da imaginação no que tange à música, lemos em Ferry: "..., tudo se passa como se ele seguisse uma certa 'lógica', como se existisse – segundo a própria fórmula de Kant – uma 'legalidade do contingente', uma legalidade sem conceito: na música, que é, porém, a arte que parece estar mais distante da esfera teórica (porque não apresenta nenhuma analogia com a visão), os sons e as associações que eles provocam em nós parecem organizar-se, estruturar-se, como se tivessem um sentido, como se quisessem dizer alguma coisa..." (Op. cit. p. 134). Por que deveria a arte se aproximar da teoria? Ainda bem que os músicos não lêem Kant. Ressalto o trecho: "como se tivessem uma sentido". Lembro-me de uma passagem da vida de Beethoven, em que, ao terminar a execução de uma peça ao piano, alguém lhe perguntou: "O quê quer dizer isto que o senhor tocou?". O artista se sentou novamente e tocou outra vez a peça e acrescentou: "Quer dizer isto". Pergunto se temos de entender uma obra de arte?

Não sou obrigado a aceitar como belos todos os quadros de Picasso. E as "Carrancas" do rio São Francisco? Acaso não são obras de arte?

Aqui trazemos apenas algumas indicações, mesmo que recortadas excessivamente, do pensamento kantiano. Não é que queiramos ressaltar os seus exageros.

Nos parágrafos 43 a 54 ele vai tratar das Belas Artes e do gênio. Gostaria de observar que, se há Belas Artes, deve haver também Feias Artes. Já observei que nem sempre é o belo o fruto, o resultado da arte. As carrancas do São Francisco são *carrancas*!

Já no final fala dos diversos jogos: *jogo da sorte, jogo de sons e jogo de pensamentos. "todo livre jogo cambiante das sensações (que não têm por fundamento nenhuma intenção) contenta; porque propicia o sentimento da*

*saúde; ora, ...*" (p. 265). Que alívio! Kant certamente contemplara crianças brincando (cf. *Sobre a Pedagogia*, Editora Unimep). Imaginem se as crianças ao brincar, ao inventar jogos, estão lidando com *juízos*, com *finalidades*, com *universalidades*, ou quejandos. Não creio que aí não haja arte...

Qual seria a verdadeira distinção entre *artistas* e *arteiros*?... É verdade de que foram consagradas pela tradição algumas expressões curiosas, como: *artimanhas*, *Pedro Malasartes*, *arte do Demo*, *artefato*, etc. E o Artesão?

Pouco adiante acrescenta: "...; *pois, sem jogo quase ninguém pode entreter-se*" (ib.). Por incrível que pareça, Kant admite o entretenimento. Hoje e sempre muita arte foi empregada no entretenimento, mesmo que se use a expressão: *indústria cultural*.

No final do parágrafo em questão contempla o *humor*. Refere-se à humorística e ao humorista. Finaliza: "Essa maneira, entretanto, pertence mais à arte agradável do que à bela-arte, porque o objeto desta última tem sempre de mostrar em si alguma dignidade, e por isso requer uma certa seriedade na exposição, assim como o gosto no julgamento" (p.269). O que pertence à razão tem que ser sério... Como poderia ser de outro modo para um racionalista?

Ainda bem que os diversos grupos humanos inventaram suas artes e seus jogos sem ouvir a Kant ou aos europeus...

Nossas crianças agradecem...

Recebido em: 20/03/02  
Aprovado em: 21/05/02